

A ARTESANIA DA COSTA DOCE: UM ESTUDO ETNOMATEMÁTICO

CRISTIANE WROBLEWSKI¹; MÁRCIA SOUZA DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – *krika_w@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas– *mszfonseca@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O senso comum que persiste ainda nos dias de hoje é que a matemática classifica os alunos em mais inteligentes e menos inteligentes e, também, nos que sabem ou não sabem, ou seja, tornando-a muitas vezes uma disciplina que inclui e exclui pessoas de determinados grupos sociais e culturais.

A Etnomatemática surge com base em críticas sociais acerca do ensino tradicional da matemática, através dela se possibilita uma análise das práticas matemáticas existentes em diferentes contextos culturais. A Etnomatemática nos proporciona a ideia de que existem diferentes contextos em que a matemática pode ser encontrada e não somente no mais usual, que chamamos de matemática escolar. Diante disso, temos uma visão da existência de diferentes contextos de matemática existentes hoje em nossa sociedade e, nesses contextos ímpares, a presença de jogos de linguagem descritos, por Wittgenstein em sua idade madura, que intensificam a ideia, mostrando que existem sim outras matemáticas. Wittgenstein se utilizou da expressão formas de vida para “designar nossos hábitos, costumes, ações e instituições que fundamentam nossas atividades em geral, envolvidas com a linguagem” (Bello, 2012, p.19).

As ideias de Wittgenstein surgem com a perspectiva de evidenciar a existência de diferentes matemáticas e problematizar as regras que constituem estas linguagens. Com isso permite que se compreendam as matemáticas produzidas por diferentes formas de vida como conjuntos de jogos de linguagens que possuem semelhanças entre si. Por fazerem parte de formas de vida, transmitidas entre gerações, muitos desses jogos de linguagem são marcados pela oralidade. Os jogos de linguagem estão imersos em uma rede de semelhanças que se sobrepõem e se entrecruzam, podendo variar dentro de determinados jogos ou de um jogo para outro. Para o filósofo, se poderiam compreender tais jogos de linguagem como “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (WITTGENSTEIN, 2004, p.19).

A Etnomatemática possibilita a problematização de uma visão universal do conhecimento matemático, mas entende a proximidade e as semelhanças entre as diferentes matemáticas. Ao analisarmos os jogos de linguagem presentes na cultura artesã, conseguimos perceber semelhanças entre esta e a matemática escolar. Os detalhes da forma de vida desse grupo serão analisados a partir desse olhar, de existência de “outros saberes”, no sentido de perceber seus jogos de linguagem e as possíveis generalizações que envolvem sua arte.

Dentro dos saberes que estão imersos no “fazer artesanato”, se buscará enxergar as possíveis generalizações existentes no processo da artesanaria, e com isso identificar a existência de um pensamento algébrico advindo dessa prática.

O objetivo dessa pesquisa é identificar os jogos de linguagem matemáticos existentes na forma de vida artesã e as possíveis semelhanças com os jogos de linguagem praticados na forma de vida escolar.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho qualitativo, primeiramente, pesquisou uma cooperativa composta por três associações de artesãos que buscaram na união a possibilidade de comercializarem produtos com qualidade, diferencial e referência a nossa cultura regional. A Cooperativa Artesanato da Costa Doce se origina na região da Costa Doce, área que se estende de Guaíba ao Chuí ligando as Laguna dos Patos, Lagoa Mirim e Mangueira e separada do Oceano Atlântico por uma última e estreita faixa de terra no sul do Brasil, na divisa com o Uruguai. Anteriormente mantinha sua sede na Casa do Artesão pelotense, porém, após seu fechamento a Prefeitura Municipal a alocou na banca 43, do Mercado Público de Pelotas.

As três associações que compõem essa cooperativa vêm de diferentes cidades da Costa Doce, e cada uma possui características que se diferem entre si, por isso seus trabalhos também possuem especificidades. São assim organizadas:

Bichos do Mar de Dentro - Constituída de produtos que divulgam a fauna local. Apresenta uma série de peças lembrando animais silvestres que vivem na região da Costa Doce. São utilizadas técnicas de costura, bordado, crochê, tricô, pintura em tecido, modelagem em biscuit e apresentados em diversas formas como objetos de decoração, objetos de uso pessoal, jogos e brinquedos. A produção parte de diferentes municípios. Arroio Grande apresenta técnicas de bordado e costura; Camaquã, técnicas de crochê e tricô; Pelotas, técnicas de bordado, costura e pintura em tecido; Rio Grande com técnicas de tapeçaria e São Lourenço do Sul e as técnicas de modelagem.

Ladrilã - Suas peças têm como referência e inspiração os ladrilhos hidráulicos encontrados no patrimônio arquitetônico histórico da região sul e tem como matéria prima principal a lã natural da ovelha que, tosquiada do início do verão, volta a crescer para proteção e adaptação dos ovinos às condições climáticas. Busca inspiração nos elementos da natureza criando almofadas, tapetes, mantas para sofás, vasos, luminárias e souvenirs, todos feitos de lã. As peças são criadas por artesãs de Jaguarão, Pedras Altas e Pelotas.

Redeiras - A Coleção Redeiras apresenta produtos feitos por várias mãos de um grupo de artesãs da Colônia de Pescadores Z-3, localizada no município de Pelotas no extremo sul do Brasil, nas margens da Lagoa dos Patos. A Redeiras traz em cada produto um pouco da vida dessas artesãs, que num lugar com tamanha riqueza cultural e natural, retiram do material descartado pelos pescadores a sua matéria prima para construção de peças de artesanato e renda fora da pesca. O couro da corvina, tainha, cascuda e linguado, as redes de pesca, utilizadas em safras de camarão viram tecido para bolsas, chaveiros e detalhes ornamentais de lenços e carteiras, por exemplo, tecidas num rústico tear. Pelas mãos das artesãs, as escamas de peixe viram delicadas biojóias misturando escamas com prata.

Cada grupo confecciona diferentes produtos, todos eles organizados a partir de um tema e a produção das peças varia conforme os materiais disponíveis em seu meio cultural. Posteriormente a finalização e conclusão do produto enviam a loja do Mercado Público, para que então sejam expostos e acomodados em um lugar onde o público tenha acesso e possibilidade de serem revendidos a quem não possui oportunidade de se deslocar até suas propriedades. A loja, por sua vez, revende as mercadorias por um preço pré-determinado pelos artesãos acrescido de uma porcentagem que auxilia nos gastos com aluguel, luz e manutenção do prédio. Cada mercadoria fica exposta por um tempo determinado, caso não seja

vendida ela retorna para os artesãos e é trocada por outra mercadoria confeccionada pelo mesmo grupo.

Inicialmente o intuito da pesquisa será de aprender em detalhes o modo de cada grupo confeccionar seus artesanatos, utilizando de observações, visitas, conversas e aproximação com a arte. E desta forma entender os processos de confecção envolvidos, as generalizações utilizadas e, também, buscar compreender tudo que envolve essa prática e principalmente os jogos de linguagem utilizados nos diferentes contextos.

As lentes teóricas da Etnomatemática juntamente com os Jogos de linguagem nos servirão para observar a matemática existente nas generalizações e conceitos apresentados por cada fazer, aproximando, assim, o pensamento algébrico e as diferentes matemáticas existentes em cada meio cultural.

A partir da descrição das confecções se buscará compreender o pensamento matemático existente e as semelhanças com a matemática escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns pontos relevantes já se podem observar e com eles sustentar, ainda mais fortemente, a ideia de que existem, sim, matemáticas em muitos outros processos além da matemática escolar. Diante da observação da prática do artesão também podemos analisar algumas semelhanças e uma linguagem própria de cada grupo. Ao analisarmos a prática do artesão e questionarmos sobre a sua arte, percebemos que a técnica torna-se difícil de ser descrita, pois o trabalho acaba sendo realizado pela indução ou através de um saber ou experiência passado de artesão a artesão e por gerações. Os saberes existentes nesse tipo de arte não estão em um primeiro momento relacionados aos conhecimentos matemáticos escolares, por não obedecerem a regras explícitas, como as regras que constituem os programas matemáticos escolares.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa se encontra em um estágio inicial, principalmente com estudo do referencial teórico que dá sustentação às ideias que perseguimos, a saber, buscar diferentes matemáticas em diferentes contextos culturais. A sociedade, em geral, permanece focada na matemática escolar que parece única e universal, e indica que quem não se apropria desta acaba sendo considerado excluído de conhecimento.

Para a elaboração do projeto de pesquisa estão sendo realizadas diversas leituras para se apropriar do tema escolhido a partir da afinidade com alguns autores. Mas ao realizar busca em diferentes bancos de dados foi possível constatar a inexistência dos temas em um mesmo contexto, ou seja, encontrou-se, nos últimos anos, um número expressivo de pesquisas voltadas para a área da Etnomatemática, mas nenhuma delas acompanhadas do pensamento algébrico e/ou dos jogos de linguagem que expressam este pensamento.

A partir das leituras foi possível perceber que a matemática vai muito além daquela é apresentada nas escolas, que muitos povos, diferentes culturas, que tiveram pouco ou nenhum contato com o ambiente escolar, pensam matematicamente, produzem matemática em seus trabalhos e em outras situações relacionadas aos seus modos de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, S. E. L. (2010). **Jogos de linguagem, práticas discursivas e produção de verdade: contribuições para a educação (matemática) contemporânea.** Revista Zetetiké, 18, 545-587.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: Linguagem e mundo.** São Paulo: Annablume, 1998.

KNIJNIK, G. Itinerários da Etnomatemática: Questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na Educação Matemática. **Dossiê: A pesquisa em Educação Matemática no Brasil.** Belo Horizonte: Educação em Revista, 2002. p. 162 – 176.

KNIJNIK, G., WANDERER, F., GIONGO, I. M., **Etnomatemática em movimento.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MAGALHÃES, A. Jogos de linguagem matemáticos de mulheres rendeiras de Florianópolis-SC-Brasil. In: **I CONGRESO DE EDUCACIÓN MATEMÁTICA DE AMÉRICA CENTRAL Y EL CARIBE**, Santo Domingo, República Dominicana, 2013.

WITTGENSTEIN, LUDWIG. **Investigações Filosóficas.** Petrópolis: Vozes, 2004.

UFPEL. **Empauta UFPEL.** Banca 43 do Mercado Público, Pelotas, 17 maio. 2014. Acessado em 07 de julho 2016. Online. Disponível em: <http://empauta.ufpel.edu.br/?p=708>